

FICHA TÉCNICA

Título original: *Z for Zachariah*

Autor: *Robert C. O'Brien*

Copyright © 1974 by Sally Conly

Copyright renewed © 2002 by Christopher Conly, Jane Leslie Conly, Kate Conly e Sarah Conly

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução total ou parcial da obra

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Paulo Emílio Pires*

Capa: imagem gentilmente cedida pela NOS Lusomundo Audiovisuais

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2015

Depósito legal n.º 397 957/15

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1

20 de maio

Estou com medo.

Vem aí alguém.

Ou melhor, acho que vem aí alguém, mas não tenho a certeza, e espero estar enganada. Hoje fui até à igreja e rezei toda a manhã. Espargi água diante do altar e deixei lá algumas flores, violetas e abrunhos.

Mas vê-se fumo. Há três dias que se vê fumo, e não como da outra vez. Nessa altura, no ano passado, ergueu-se numa grande nuvem longínqua e permaneceu no céu durante duas semanas. Houve um incêndio na charneca, depois choveu e o fumo parou. Mas desta vez é uma coluna estreita, não muito alta, como um poste.

Já apareceu três vezes, sempre ao final da tarde. À noite não consigo vê-la, e de manhã já lá não está. Mas reaparece todas as tardes, cada vez mais próxima. A princípio surgia para lá de Claypole Ridge, e só lhe via a parte de cima, uma mancha muito ténue. Pensei que talvez fosse uma nuvem, só que era demasiado cinzenta, o tom errado, e então pensei: *não há nuvens em mais lado nenhum*. Peguei nos binóculos e vi que era direita e esguia; só podia ser fumo de uma fogueira. Quando lá íamos na carrinha, eram vinte e cinco quilómetros até Claypole Ridge, embora pareça mais próximo. E agora o fumo vinha de mais longe ainda.

Depois de Claypole Ridge, a cerca de quinze quilómetros, fica Ogdentown. Mas não resta ninguém vivo em Ogdentown.

Sei disso porque, quando a guerra acabou e todos os telefones deixaram de funcionar, o meu pai, o meu irmão Joseph e o nosso primo David meteram-se na carrinha para irem ver o que se passava,

e o primeiro lugar onde foram foi Ogdentown. Partiram de manhã cedo; o Joseph e o David estavam empolgadíssimos, mas o meu pai tinha um ar preocupado.

Voltaram era já noite. A minha mãe passou o dia num desassossego — demoraram tanto tempo —, de modo que foi uma alegria quando a luz dos faróis da carrinha apareceu finalmente no alto de Burden Hill, a três quilómetros daqui. Pareciam sinais luminosos. Eram as únicas luzes em redor, além das da casa — não tinha passado mais nenhum carro durante todo o dia. Sabíamos que era a nossa carrinha porque um dos faróis, o esquerdo, piscava a cada solavanco da estrada. Subiu até à casa e saíram todos; os rapazes já não estavam empolgados. Tinham um ar assustado, e o meu pai parecia doente. Talvez já tivesse começado a adoecer, mas acho que estava sobretudo angustiado.

A minha mãe ergueu o olhar para ele enquanto descia da carrinha.

— Que foi que encontraram?

— Cadáveres — respondeu ele. — Apenas cadáveres. Estão todos mortos.

— Todos?

Entrámos em casa, onde os candeeiros a petróleo estavam acesos. Os dois rapazes seguiram atrás de nós sem dizer palavra. O meu pai sentou-se.

— Terrível — disse ele. E repetiu: — Terrível, terrível. Demos voltas e voltas com a carrinha, a olhar. Buzinámos. Depois fomos até à igreja e tocámos o sino. Ouve-se a quase dez quilómetros de distância. Esperámos duas horas, mas não apareceu ninguém. Entrei em algumas casas... a dos Johnson, a dos Peters... e estavam todos lá, todos mortos. Nas ruas havia pássaros mortos por todo o lado.

O meu irmão Joseph começou a chorar. Tinha catorze anos. Acho que há seis anos que não o ouvia chorar.

21 de maio

Está a aproximar-se. Hoje chegou quase ao alto de Claypole Ridge, embora ainda falte um pouco, porque, quando olhei pelos binóculos, não consegui ver as chamas, apenas o fumo, a subir rapidamente, não muito longe da fogueira. Sei onde está: no cruzamento. A via rápida este-oeste — a estrada de Dean Town — cruza-se com a estrada daqui logo a seguir à cumeada. Trata-se da Estadual 9, uma estrada principal, maior do que a nossa, que é a Municipal 793. Foi aí que ele parou, e agora está a pensar se há de seguir pela Estadual 9 ou subir até lá acima. Digo *ele* porque é nisso que penso, embora possam ser

eles ou mesmo *ela*. Mas acho que é um homem. Se optar por seguir a via rápida, vai-se embora e tudo voltará ao normal. Porque havia de regressar? Mas se chegar ao alto de Claypole Ridge, por certo irá descer até aqui, porque vai reparar nas folhas verdes. Para lá da cumeada, ou mesmo para lá de Burden Hill, não há uma única folha; está tudo morto.

Há algumas coisas que tenho de explicar. Uma é o motivo por que estou com medo. Outra é o que me leva a escrever neste caderno de redações, que arranjei na loja dos Klein, a um quilómetro e meio daqui.

Foi em fevereiro que o trouxe de lá, juntamente com uma provisão de esferográficas. Por essa altura já a última estação de rádio, uma com um sinal tão fraco que só a conseguia captar durante a noite, tinha deixado de transmitir. Há cerca de três ou quatro meses que não se ouvia nada. Digo *há cerca*, e essa é uma das razões que me levaram a trazer o caderno: percebi que estava a começar a esquecer-me de quando as coisas aconteciam, e por vezes até *se* tinham acontecido ou não. Outro motivo foi pensar que escrever no caderno podia ser como ter alguém com quem conversar, e relê-lo mais tarde seria como se alguém estivesse a conversar comigo. Mas a verdade é que afinal não tenho escrito grande coisa, porque não há muito sobre que escrever.

Por vezes apontava o estado do tempo, se havia uma tempestade ou alguma coisa fora do normal. Tomei nota de quando plantei a horta porque achei que me seria útil sabê-lo no próximo ano. Mas a maior parte das vezes não escrevia nada, porque cada dia era igual ao anterior e dava por mim a pensar: *afinal de que serve escrever seja o que for se nunca há de ser lido por ninguém?* Mas depois dizia para mim própria: *um dia, daqui a alguns anos, vais lê-lo* tu. Tinha quase a certeza de que era a única pessoa que restava no mundo.

Mas agora tenho algo sobre que escrever. Estava enganada. Não sou a única pessoa que resta no mundo. Estou ao mesmo tempo empolgada e com medo.

A princípio, quando todos os outros partiram, detestei ficar sozinha, e passava dias inteiros e grande parte das noites a olhar para a estrada na esperança de que um carro, *alguém*, transpusesse a colina vindo não importa de onde. Quando adormecia, sonhava que tinha passado um e seguido adiante sem saber que eu cá estava; nessas alturas, acordava e corria para a estrada à espera de ver desaparecer ao longe os farolins traseiros. Depois as semanas foram passando e, uma a uma, as estações de rádio silenciaram-se. Quando a última desapareceu do ar e assim ficou, tomei finalmente consciência de que ninguém, nem

nenhum carro, iria alguma vez passar por aqui. Claro que a princípio achei que tinham sido as pilhas do meu rádio a ficar sem carga, de modo que trouxe umas novas da loja. Experimentei-as na lanterna e ela acendeu-se, por isso percebi que era mesmo da emissão.

Seja como for, o homem da última estação anunciara que ia ter de sair do ar; acabara-se a energia. Não parou de repetir a latitude e longitude do sítio onde se encontrava, embora não estivesse num navio mas sim em terra, algures perto de Boston, no Massachusetts. Também disse outras coisas, coisas que não gostei de ouvir. E que me deixaram a pensar. Imaginemos que um carro transpunha a colina e eu corria para a rua e quem quer que viesse lá dentro parava e saía — e se fosse algum louco? Ou então uma pessoa maldosa, ou mesmo cruel e violenta? Um assassino? Que podia eu fazer? A verdade é que, para o fim, o homem da rádio parecia algo louco, assustado. Só restavam algumas pessoas no sítio onde ele estava, e pouca comida. Afirmou que os homens deviam comportar-se com dignidade mesmo diante da morte, que ninguém estava acima fosse de quem fosse. Lançou um apelo através da rádio, e percebi que algo de terrível estava a acontecer por lá. Uma vez foi-se abaixo e chorou durante a transmissão.

De modo que decidi: se aparecer alguém, quero ver quem é antes de me mostrar. Uma coisa é esperar que chegue alguém quando vivemos num mundo civilizado, quando temos outras pessoas à nossa volta. Mas quando não há mais ninguém, o caso muda de figura. Fui tomando consciência disso aos poucos. Há coisas piores do que estar sozinha. E foi depois de chegar a essa conclusão que comecei a levar as minhas coisas para a gruta.

22 de maio

Esta tarde o fumo voltou a aparecer, ainda no mesmo sítio de ontem. Sei o que ele (*ela?*, *eles?*) está a fazer. Chegou vindo de norte. Agora está acampado naquele local, no cruzamento, a explorar a Estadual 9, a estrada de Dean Town, para leste e para oeste. Isso preocupa-me. Quem explora para leste e oeste, decerto há de explorar igualmente para sul.

A situação também me deixa perceber algumas coisas. Com certeza carrega equipamento e provisões relativamente pesados. Deixa-os no cruzamento enquanto faz essas explorações ao longo da estrada, para poder deslocar-se mais depressa. O que significa que, de onde quer que tenha vindo, o mais provável é não ter encontrado ninguém pelo

caminho, caso contrário não abandonava assim o material. Ou então está acompanhado. Claro que pode estar apenas a descansar. Ou pode ter um carro, mas duvido. O meu pai dizia que os carros iam continuar radioativos durante muito tempo — por serem feitos de metal pesado, suponho. Sabia bastante sobre esse tipo de coisas, o meu pai. Não era nenhum cientista, mas lia todos os artigos científicos dos jornais e revistas. Imagino que tenha sido por isso que ficou tão preocupado quando a guerra acabou e todos os telefones deixaram de funcionar.

No dia a seguir a terem ido a Ogdentown, fizeram nova viagem. Desta vez levaram duas carrinhas, a nossa e a de Mr. Klein, o dono da loja. Acharam que era preferível, não fosse uma delas avariar-se; Mr. Klein e a mulher também foram, e até a minha mãe decidiu ir. Acho que tinha medo de ficar separada do meu pai; estava mais preocupada do que nunca depois de saber o que tinha acontecido em Ogdentown. O Joseph ia ficar em casa comigo.

Desta vez iam para sul, primeiro até ao desfiladeiro onde viviam os *amish*, para ver o que lhes teria acontecido com o bombardeamento. (Não que eles tivessem sido bombardeados — as bombas mais próximas tinham caído muito longe, a uns cento e cinquenta quilómetros ou mais, achava o meu pai. Mal lhes ouvimos o ribombar, embora tenhamos sentido a terra tremer.) As quintas dos *amish* ficavam imediatamente a sul do nosso vale, e eles eram nossos amigos, sobretudo de Mr. Klein, de quem eram os melhores clientes. Como não tinham carros, mas apenas cavalos e carroças, não era hábito fazerem a longa viagem até Ogdentown.

A seguir, depois de terem visitado os *amish*, tencionavam dar a volta para oeste e apanhar a via rápida até Dean Town, passando por Baylor de caminho. Dean Town é uma cidade a sério — vinte mil habitantes, muito maior do que Ogdentown. Era para lá que eu deveria ir daqui a dois anos, para o Teacher's College. Quero ser professora de Inglês.

Arrancaram manhã cedo, com Mr. Klein na dianteira, na sua carrinha de caixa fechada. Antes de partirem, o meu pai pousou-me a mão na cabeça, como costumava fazer quando eu tinha seis anos. O David não disse nada. Tinham partido há cerca de uma hora quando me dei conta de que não sabia do Joseph. Calculei logo onde devia estar: escondido na parte de trás da carrinha de Mr. Klein. Devia ter-me lembrado disso. Estávamos os dois com medo de sermos deixados para trás, mas o meu pai disse que devíamos ficar, para darmos de

beber aos animais e estarmos ali caso aparecesse alguém ou caso os telefones voltassem a funcionar e o nosso eventualmente tocasse. Mas não tocou. E não apareceu ninguém.

A minha família nunca mais voltou, nem Mr. e Mrs. Klein. Sei agora que não havia nenhum *amish*, nem ninguém em Dean Town. Também estavam todos mortos.

Desde essa altura, já subi a todos os montes que circundam este vale e, lá no alto, trepei a uma árvore. Quando olho para longe vejo que todas as árvores estão mortas e não há qualquer sinal de movimento. Não me aventuro por lá.

23 de maio

Estou a escrever isto de manhã, cerca das 10h30, enquanto descanso depois de ter feito algumas das coisas que tenho de fazer. Não queria, mas se tivesse esperado até ele transpor Claypole Ridge, e depois Burden Hill, onde o poderia ver — e onde o meu vale começa —, seria demasiado tarde.

Eis as coisas que tive de fazer:

Tirar as galinhas do pátio. Afugentei-as daqui. Agora estão em liberdade. Depois posso voltar a apanhá-las, a maior parte delas pelo menos, se não ficarem muito tempo lá fora.

Deixar sair as duas vacas e o bezerro pela cancela do pasto. Também tive de os afugentar. Hão de ficar bem durante algum tempo. Ainda há água no lago, boa erva no campo mais distante, lá em baixo junto à estrada, e o bezerro encarrega-se de ordenhar a vaca lactante. São da raça *guernsey*. Em geral, tenho tido sorte com os animais e cuidado bem deles. As galinhas continuaram a pôr ovos, e agora há mais duas do que no início. Só o cão, o *Faro*, o cão do David, fugiu. Uma manhã simplesmente já cá não estava. E nunca mais voltou. Imagino que tenha fugido para o vale, à procura do David, e acabado por morrer.

Arrancar a horta, tudo o que estava a despontar, alisá-la e cobri-la de folhas mortas. Não se nota nada. Foi o que mais me custou, porque estava tudo a crescer tão bem. Mas tenho suficiente comida seca e enlatada para me alimentar; e se ele tivesse visto a minha horta, toda alinhadinha e mondada, teria percebido que havia aqui alguém.

Estou sentada à entrada da gruta. Daqui consigo avistar quase todo o vale, a minha própria casa e o celeiro, o telhado da loja, o pequeno campanário da velha igreja (algumas das tábuas estão a cair — será que consigo arranjá-las?, não sei) e parte do riacho que passa a uns quinze metros de distância. E vejo a estrada, desde o ponto onde transpõe Burden Hill até quase desaparecer no desfiladeiro — ao todo, cerca de seis quilómetros. Mas não creio que ele vá ver a gruta, já que fica a meio da encosta, por trás da casa, e as árvores escondem a entrada, que é pequena. O Joseph, o David e eu só a encontrámos ao fim de alguns anos, e brincávamos aqui perto todos os dias, ou quase.

Vai reparar na casa, na loja e na igreja, claro, mas já deve ter encontrado muitas pelo caminho. Por sorte, há já algum tempo que não limpo o pó. Esta manhã examinei a casa com todo o cuidado e não me parece que haja quaisquer sinais de cá ter estado alguém nos últimos tempos. Tirei as flores do altar da igreja. Trouxe os dois candeeiros para aqui, bem como uma reserva de petróleo.

Agora vou esperar. Disse que eram cerca das 10h30, mas não tenho bem a certeza das horas. O meu relógio de pulso até funciona bem, mas não tenho por onde o acertar a não ser pelo Sol. Nem sequer estou certa quanto à data. Tenho um calendário, mas ainda assim é difícil — mesmo difícil — não perder a conta aos dias. No princípio, a cada dia que passava fazia uma marca a lápis no calendário. Depois, mais para o final do dia, olhava para ele e punha-me a pensar: *será que já marquei o dia de hoje?* Quanto mais pensava, mais difícil era lembrar-me. Tenho quase a certeza de que falhei alguns dias, e noutras alturas devo ter marcado dois. Agora arranjei um sistema melhor: programei um despertador. Mantenho-o junto ao calendário e, quando ele toca, marco o dia. Só faço isto de manhã; à noite dou-lhe corda e volto a programá-lo.

Acho que sei como ter a certeza da data muito em breve. Tenho um *Almanaque do Agricultor* que diz que o dia mais longo do ano é 22 de junho. Assim, daqui a algumas semanas vou tentar verificar as horas do nascer e do pôr do Sol de cada dia. Já sei que o mais comprido há de ser 22 de junho.

Não que isso seja propriamente importante. Só que faço anos a 15 de junho, e gostava de saber em que dia calha para não perder a conta à minha idade. No meu próximo aniversário, daqui a cerca de três semanas, vou fazer dezasseis anos.

Podia escrever bastante sobre coisas como esta — coisas que tive de descobrir quando me dei conta de que estava sozinha e assim irei continuar, talvez para o resto da vida. A minha maior sorte foi existir

a loja, e ser uma loja grande, um armazém, bem abastecido por causa do comércio com os *amish*. Outro golpe de sorte foi a guerra ter terminado na primavera (também começou na primavera, claro — durou apenas uma semana), pelo que tive todo o verão para perceber como as coisas eram, para perder o medo e pensar em como iria viver durante o inverno.

O aquecimento, por exemplo. A casa tinha uma caldeira a petróleo e um fogão a gás. Quando o telefone deixou de funcionar, o mesmo aconteceu com a eletricidade, e a caldeira não trabalhava sem eletricidade. O fogão funcionava, mas usava gás de garrafa; sabia que as botijas (havia duas) não durariam para sempre e, quando chegassem ao fim, a carrinha do gás não iria passar por cá para as substituir. Mas a casa tem duas lareiras, uma na sala de estar e outra na sala de jantar, e havia cerca de três esteres de lenha já cortada no telheiro. Sabia contudo que não iria chegar, e foi assim que passei muitas manhãs de primavera, verão e outono: a cortar lenha com um serrote (trouxe um novo da loja, daqueles de arco) e a carregá-la cá para dentro no velho carrinho de mão que estava guardado no celeiro. Fechando o resto da casa, mantive essas duas divisões suficientemente aquecidas — bastante quentes, até, tirando um ou outro dia em que fez mesmo muito frio. De resto, limitei-me a vestir mais camisolas. Usei o gás com parcimónia, e consegui fazê-lo durar quase todo o inverno; depois passei a cozinhar na lareira, o que dá imenso trabalho, porque as panelas ficam todas sujas. No celeiro há um velho fogão de lenha que a minha mãe costumava usar antes de passarmos a ter gás. Este verão vou tentar — ou melhor, *ia* tentar — transportá-lo para dentro de casa. É pesado demais para mim, mas acho que consigo desmontá-lo. Já pus óleo em todos os pernos para os soltar.

Comecei a escrever isto de manhã, enquanto descansava. Depois trabalhei mais um pouco, almocei, e agora já é final da tarde.

O fumo voltou a aparecer. Está claramente para cá de Claypole Ridge. Pelos meus cálculos, mais ou menos a meio caminho entre a cumeada e Burden Hill. Isso significa que ele (*eles?*, *ela?*) já avisou o vale e é para aqui que se dirige.

Sinto-me como se fosse o princípio do fim. Tenho de decidir o que fazer.

Mas há um pormenor estranho. Quem quer que seja, avança muito devagar. Se transpôs a cumeada, como não pôde deixar de fazer, decerto avistou o vale e as árvores verdejantes, porque Claypole Ridge

é mais alta do que Burden Hill, e o vale — pelo menos o extremo mais distante — vê-se perfeitamente lá de cima. Sei-o por experiência própria. De modo que seria de esperar que se apressasse. Se já se aventurou na direção de Dean Town, ou no sentido oposto, para leste na Estadual 9, não viu senão desolação, como eu vi quando olhei para lá: uma paisagem castanha e cinzenta, com as árvores reduzidas a estacas. Provavelmente foi só isso que viu ao longo de toda a viagem, venha ele de onde vier. E entre Claypole Ridge e Burden Hill é a mesma coisa. Não são mais do que uns doze quilómetros de caminho, mas ele parece ter parado a meio e acampado.

Amanhã de manhã talvez me aproxime do alto de Burden Hill, suba a uma árvore e tente observá-lo. Não tenciono ir pela estrada. Há um carreiro que segue na mesma direção mas pelo meio dos bosques, mais acima na encosta. Na verdade, os bosques estão repletos de carreiros, e eu conheço-os a todos. Se lá for, hei de levar uma das minhas armas, a mais leve, a carabina .22. Tenho uma ótima pontaria com ela, melhor do que o Joseph ou o David, embora só tenha treinado com garrafas e latas. A grande, a espingarda de caçar veados do meu pai, tem um coice demasiado forte. Já a disparei, mas tendo a contrair-me ao premir o gatilho, o que me prejudica a pontaria. Seja como for, também não tenciono servir-me da arma. Não gosto de armas. Simplesmente acho que devo levá-la. Afinal de contas, não sei o que me espera.

Esta noite tenho de trazer mais água para a gruta e cozinhar alguma coisa. Não vou poder fazer uma fogueira quando ele chegar ao vale. Durante o dia iria avistar o fumo, e à noite decerto veria as chamas, porque tenho de a acender ao ar livre. Uma vez fizemos uma fogueira dentro da gruta e tivemos de fugir cá para fora, tanto era o fumo. Portanto, hoje à noite vou assar um frango, cozer uns ovos e fazer um pouco de pão de milho, para não ter de comer apenas coisas enlatadas, pelo menos durante uns tempos.

Podia arranjar água esgueirando-me até ao riacho durante a noite, mas acho mais seguro aprovisionar alguma. Tenho seis garrafas grandes — bilhas de sidra — com tampa.

Essa foi outra das coisas em que tive de pensar quando deixou de haver eletricidade: água. Perto de casa havia — ainda há — um poço artesiano com cerca de vinte metros de profundidade e uma bomba elétrica. Tínhamos um termoacumulador, chuveiro, banheira, tudo isso; mas claro que deixou tudo de funcionar. Aconteceu ainda antes de a minha família partir. De modo que passámos a ter de ir buscar

água. Mas não se consegue descer um balde por um poço artesiano: a abertura é demasiado estreita. Restava-nos escolher entre um dos dois riachos. O que passa perto da gruta, aquele que vejo daqui, desce em direção à casa, mas depois inflete para a esquerda, rumo ao pasto, onde forma um pequeno lago de água cristalina, ainda fundo — até tem carpas e percas. O outro, o Burden (batizado, tal como Burden Hill, com o nome da minha família, pois os Burden foram os primeiros a fixar-se neste vale), é maior e mais largo, e também mais próximo de casa. Corre mais ou menos paralelo à estrada e deixa o vale pelo desfiladeiro, ao sul. No fundo, trata-se de um pequeno rio, e é bastante bonito. Ou melhor, era.

Como ficava mais próximo, achámos que podíamos ir lá buscar água para levar para casa, dois baldes de cada vez, sempre que fosse necessário. Só que o Joseph e eu, os primeiros a ir, reparámos numa coisa mesmo a tempo. O Burden também tinha peixes, embora em menor quantidade e mais pequenos do que os do lago. Mas dessa primeira vez em que lá fomos buscar água, vimos um peixe morto a boiar à tona, levado pela corrente. E também encontrei uma tartaruga morta na margem. Este riacho desemboca no vale por uma espécie de fenda na encosta rochosa à esquerda de Burden Hill — é água que vem do exterior, e estava envenenada. Ficámos muito tempo a olhar (embora sem nos aproximarmos) e percebemos que não havia ali qualquer sinal de vida, nem sequer uma rã ou um inseto aquático.

Ficámos assustados. Corremos (carregados com os baldes) direitos ao lago, até ao extremo oposto, onde o pequeno ribeiro desagua. Nunca na vida fiquei tão contente por ver um cardume de peixinhos! Fugiram logo, como sempre faziam. A água estava boa, e ainda está. Brota de uma nascente lá em cima na encosta, no interior do vale, e deve vir algures de um lençol subterrâneo bem fundo. Estou sempre a ir lá pescar e a comer os peixes que apanho; foram uma das minhas melhores fontes de alimento, exceto a meio do inverno, quando deixaram de morder.

Acho que vou mesmo lá acima de manhã, assim que houver luz. Agora que decidi, começo a ficar preocupada com uma coisa que sei ser bastante tola: que tal estou, o que tenho vestido. Pensei nisso esta manhã quando fui a casa e me olhei ao espelho, coisa que já raramente faço. Trago umas calças de ganga, mas são de homem (há caixotes delas na loja, mas nenhuma de rapariga), por isso não me ficam lá muito bem, são um tanto largueironas; uma camisa de trabalho também de homem, em flanela de algodão, e uns ténis de rapaz. Não

estou nenhuma elegância, portanto, nem o meu cabelo está propriamente à moda — limito-me a cortá-lo a direito à volta do pescoço. Durante uns tempos enrolava-o todas as noites, como quando ia para a escola, mas isso levava-me muito tempo, e a dada altura dei-me conta de que não havia ninguém para o ver a não ser eu. Por isso agora está liso mas lavado, e muito mais claro por passar tanto tempo ao ar livre. Acho que já não sou tão magrinha como era, embora seja difícil de perceber com estas roupas.

Mas dou por mim a pensar: *será que devia pôr um vestido?* E se for uma equipa de salvamento, um grupo oficial qualquer? Claro que podia esgueirar-me até casa e mudar de roupa. Ainda me sobra um par de calças decente. As outras gastaram-se. Mas desde a guerra que não uso um vestido. Em todo o caso, não dá muito jeito subir a uma árvore de saias. Acho que vou optar pelo meio-termo e vestir as calças boas.

24 de maio

É um homem, um homem sozinho.

Fui até lá esta manhã, como tinha planeado. Vesti as minhas calças boas, levei a .22 e pendurei os binóculos ao pescoço. Subi a uma árvore e vi-o a avançar estrada acima. Não consegui distinguir-lhe o aspeto porque está vestido, todo tapado, com uma espécie de fato de plástico esverdeado. Cobre-lhe inclusivamente a cabeça, e tem uma máscara de vidro para os olhos — como os fatos que os mergulhadores usam em águas frias, só que maior e mais folgado. E, tal como os mergulhadores, também traz uma botija de ar às costas. Mas, mesmo sem lhe ver a cara, a altura e a forma como se movimenta deram-me para perceber que se trata de um homem.

A razão por que avança tão devagar é vir a puxar um atrelado, uma coisa mais ou menos do tamanho de uma arca montada sobre duas rodas de bicicleta. Está tapado com o mesmo plástico verde do fato. E é pesado. Via-se que ele tinha dificuldade em puxá-lo Burden Hill acima. Estava sempre a parar para descansar. Ainda lhe faltam cerca de dois quilómetros para chegar ao cume.

Tenho de decidir o que fazer.